

“JANE EYRE” E “A INTRUSA”: A INTERTEXTUALIDADE FEMININA NO SÉCULO XIX

SANTOS, Melissa Francisca Silva Lara¹

LAUFER, Albertina²

RESUMO

Este artigo tem como propósito apresentar as similaridades entre a vida e escrita das autoras Charlotte Brontë e Júlia Lopes de Almeida, a partir dos romances “Jane Eyre e A Intrusa”, que foram escritos durante o século XIX, no qual as mulheres não tinham direitos e dependiam da vontade do homem, um sistema patriarcal e injusto. Buscar-se-á identificar as características psicológicas e sociais das personagens femininas Jane Eyre e Alice e como elas aparecem nas obras, ambas sob a perspectiva de Antonio Cândido, e reconhecer a intertextualidade e a dialogicidade das obras através do ponto de vista Bakthiniano. A metodologia empregada foi a de pesquisa bibliográfica, realizada através da consulta de livros e de documentos da Biblioteca Nacional. Portanto, constatou-se que estudar a escrita de autoras como Charlotte e Júlia se faz importante para que se possa compreender o tempo em que viviam e comparar com textos escritos atualmente, e assim poder perceber o quanto foram justas as denúncias, os anseios e protestos de autoras, e como elas foram e são importantes para que outras viessem depois e escrevessem, ousassem, falassem, e ainda resistirem.

Palavras-chave: Brontë. Bakthin. Intertextualidade Feminina. Séc XIX.

1. INTRODUÇÃO

“O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir”.
Djamila Ribeiro

Um texto nunca é puro, ele sempre vem de outro texto e assim por diante. É seguindo esta linha de pensamento que o presente artigo vem apresentar as similaridades de Charlotte Brontë e Júlia Lopes de Almeida, como pessoas

¹ Aluna do curso de Bacharelado em Letras, no Centro Universitário Internacional UNINTER trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso.

² Professora Orientadora no Centro Universitário Internacional UNINTER. Mestre em Teologia, Pós-graduada em Psicologia Analítica Counseling. Graduada em Pedagogia, Teologia e Letras. Psicóloga Clínica CRP-PR 08/29582.

diferentes, em lugares diferentes podem apresentar uma mesma problemática em suas escritas.

“Não pode ser demonstrado que a mulher é essencialmente inferior ao homem porque ela sempre foi subjugada”; esta fala pertence à Mary Wollstonecraft, feminista e mãe de Mary Shelley que assim como Charlotte Brontë teve seu talento subjugado e Júlia Lopes de Almeida não pode assumir uma cadeira na primeira Academia Brasileira de Letras. Não desistiram e resistiram, escreveram, ousaram.

A partir da leitura dos romances *Jane Eyre* e *A Intrusa* fez-se uma comparação dos textos buscando elementos presentes tanto na vida de Jane Eyre como na vida de Alice, protagonistas das obras, com o olhar de Mikhail Bakhtin, um dos precursores nos estudos do gênero romance e o pensar sociológico do crítico literário Antonio Cândido, o qual defende o direito à Literatura e leitura.

Na primeira parte será apresentada uma breve biografia da vida de Charlotte Brontë e o resumo da obra *Jane Eyre*, assim como a vida de Júlia Lopes de Almeida e um breve resumo da obra “*A Intrusa*”.

Na segunda parte será discutido as comparações entre as duas obras e suas semelhanças através do dialogismo bakhtiniano e o como ambas as escritoras exerceram os seus direitos a literatura e educação defendido por Antonio Cândido, mesmo em tempos muito hostis.

Na terceira parte serão apresentadas a pesquisa bibliográfica como metodologia aplicada e as considerações finais do presente artigo.

2. CHARLOTTE BRONTË E JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: O PSICOLÓGICO FEMININO E AS CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DE RESISTÊNCIA AO PATRIARCADO

2.1 CHARLOTTE BRONTË, JANE EYRE E O PERÍODO VITORIANO

A Inglaterra vive o século XIX, período Vitoriano, o século da ciência, tempo este em que a mulher era considerada e usada como moeda de troca para unir terras ou minimizar conflitos, para procriar, para cuidar da casa e família, para ser exibida como objeto de ostentação, mas quando se fala em escrever o que podia-se fazer? No máximo escrever diários e receitas de bolos e culinária, nada que exigisse

muita reflexão. Uma mulher não tinha que pensar não lhes era permitido. Quanto à educação para a mulher, ainda era algo muito restrito quando não distante saber ler e escrever era difícil para elas e a maior parte da população, devido ao fato de ainda não existir um sistema educacional formado, a educação feminina era voltada para a instrumentalização do lar. Garotos estudavam em colégios e se formavam médicos e advogados, escreviam e tinham uma formação acadêmica (MENDES, 1983).

Mas as irmãs Brontë desafiaram e escreveram. Mesmo com muitas críticas e desconfianças ela ousaram, escreveram e publicaram. Hoje são consideradas exemplos de força e superação e seus textos são usados por muitos escritores como referência.

A Brontë, a ser discutida, será Charlotte. Ela nasceu em 1816, filha de Patrick Brontë, religioso irlandês da Igreja Anglicana Condado de Yorkshire, era a terceira filha mais velha de seis irmãos (cinco meninas e um menino o mais velho de todos os filhos). Segundo Oscar Mendes (1983), seus pais possuíam conhecimentos literários e proporcionavam aos filhos estudos de literatura e poesia, visto que seu pai dispunha de grande bagagem literária composta de seus poemas campesinos, de o menestrel rural e romances de fins moralizantes. Sua mãe Maria Branwell, gostava de poesia, misticismo e imaginação. Além das cartas ao marido, Branwell teve um único trabalho; *“As vantagens da pobreza na vida religiosa”*. Sendo assim, pode-se afirmar que Charlotte e suas irmãs viveram em um ambiente um que se cultivava as Letras, criando assim uma atmosfera que favorecia a produção literária de seus filhos.

Com a morte da mãe e um ano depois de sua chegada a Haworth, seu pai os deixa (Charlotte e suas irmãs e irmão) sob os cuidados de sua tia Elizabeth Branwell, sendo ele viúvo, pobre e com filhos pequenos, era quase impossível conseguir casar-se novamente. Mais tarde Charlotte e suas irmãs foram enviadas para o colégio interno clerical de Cowan Bridge, em Lancashire, um internato para filhas de eclesiásticos pobres (MENDES, 1983).

O local era muito ruim, triste com condições insalubres e possuía um regime totalitário tão severo que duas de suas irmãs vieram a falecer. Mendes (1983, p. 126) afirma que Patrick Brontë, “abalado pela morte das meninas, tira Emile, Anne e Charlotte do colégio e passaram a ficar em casa estudando com o pai e autodidaticamente durante cinco anos.” Em casa, as irmãs produziam, imaginavam e

criavam romances, contos e poesias em um universo onde viviam sonhos e aventuras, tudo registrado em caderninhos, enquanto Anne e Emily escreviam sobre reinos fantásticos Charlotte seguiu pelo caminho do amor e das batalhas contra as amarras do patriarcado, estes escritos estão conservados até hoje no museu britânico.

Posteriormente, Charlotte foi mandada para a um internato feminino em Roe Head, em 1831, quando tinha quinze anos, o lugar era uma escola melhor que Cowan Bridge. Lá ela fez amizades e, em especial, a senhorita Wooler, pessoa que lhe ajudou em seus estudos. A partir de então, ela passou a aprimorar seus talentos literários, conhecimentos de história, narrativa e de política. Um ano e meio depois, Charlotte volta para casa e divide com as irmãs todo conhecimento adquirido no internato. Limitadas ao lar, naquele período, as moças se ocupavam apenas dos afazeres do lar, desenho, costura, leitura, visitas e atividades que frustrava as irmãs conforme informa Mendes:

A vida em Haworth é monótona e pacata. Pela manhã, até meia hora depois do meio-dia, aulas e desenho. Depois passeio pela charneca. Jantar. Entre o jantar e a hora do chá, costura-se. Depois deste, lê-se, escreve-se, costura-se ou desenha-se. E vai-se para a cama. Uma ou outra vez recebe-se ou faz-se uma visita. E é só. (MENDES, 1983, p. 127).

Charlotte trabalhou como professora no colégio de Miss Wooler; sua irmã Emily também conseguiu emprego como professora em uma escola perto de Halifax para poderem ajudar nas despesas da casa, pois eram pobres, e seu pai não tinha recursos para oferecer-lhes melhores condições. No contexto social vitoriano, os trabalhos femininos eram muito limitados, apenas aqueles em que eram desempenhadas atividades domésticas e ensino, qualquer outra profissão era desempenhada por homens. Restando assim apenas as profissões de governanta ou preceptora, e ainda assim, eram consideradas algo ruim. Segundo Maria Monteiro (1998), o trabalho da preceptora era ligado ao lar de famílias burguesas, no qual era explorada pelo patrão e muitas vezes humilhada pelas crianças era quase uma prisioneira sem poder atuar economicamente livre. De 1839 até 1841, Brontë trabalhou como tutora em Yorkshire, o que não lhe trouxe prazer algum.

Certa vez, Charlotte encontrou alguns poemas de sua irmã Emily, e acreditou que, se esses eles fossem publicados e aceitos pelos leitores poderiam ter maiores chances para publicações futuras; e assim o fizeram, no volume com título *Poems by*

Currer, Ellis and Acton Bell (1846), elas publicaram os seus poemas, porém, sob pseudônimos com a primeira letra de cada nome. O livro vendeu apenas duas cópias, mas mesmo assim as irmãs não perderam o foco. Os romances de Anne, *Agnes Grey* e de Emily, *Wuthering Heights*, foram publicados, mas *The Professor*, de Charlotte não foi aceito por ser considerado muito curto. Por consequência da não aceitação de *The Professor* Charlotte apresentou os rascunhos de *Jane Eyre*, publicado em 1847.

Charlotte escreveu quando estava feliz, escreveu quando estava triste e foi desta forma que descobriu forças para superar a morte das suas irmãs, Maria e Elizabeth. Depois de *Jane Eyre*, ela ainda publicou *Shirley*, em 1849 e *Villette*, em 1853. No ano seguinte, ela se casou com Arthur Bell Nicholls, morreu em 1855 em decorrência de uma tuberculose. Suas obras são lidas e estudadas até os de hoje para que todos que a leiam conheçam a condição da escrita feminina e os caminhos trilhados para que hoje as mulheres possam ter voz na Literatura.

2.1.1. Jane Eyre

Jane Eyre é o romance de estreia de Charlotte Brontë e narra a história de vida da heroína que dá nome ao livro. Ela quebra paradigmas e critica a forma como as mulheres são tratadas durante o período vitoriano. *Jane Eyre* contesta a sorte pré-determinada às mulheres e as posições sociais que elas ocupam. O romance possui personagens memoráveis, como a figura do misterioso Rochester, patrão de Jane e peça vital da narrativa.

A trama é comum a outras narrativas escritas por mulheres no século XIX: uma garota órfã, criada e desprezada pela tia e pelos primos, passa anos numa escola pobre, sendo vítima de violências e privações, vai trabalhar como governanta e passa a ter um romance com o dono da casa. A narrativa passa por cinco momentos nos quais percebe-se o amadurecimento da personagem, que busca seu lugar na sociedade, mas não através da beleza física e sim através da moralidade (marca importante do período vitoriano) e trabalho. Os momentos são: A mansão Gates Reed onde ela vive por um período com seus parentes por parte de mãe, é a casa da tia maldosa e seus primos mimados, o internato Loowood lugar no qual a menina passa por muitas privações e conhece Hellen e tornam-se muito amigas, a mansão de Thornfield, casa do Sr. Rochester, ponto central do enredo onde ela

acontece o grande amor de Jane, onde se torna governanta; Moor House, passagem em que descobre que não está sozinha no mundo e tem família; e finalmente sua volta para a mansão de Thornfield. Por ser um livro extenso, focaremos em Loowod e Thornfield (BRONTË, 1847).

A primeira parte do romance relata a infância de Jane vivida entre Gates Reed e a escola Loowod, lugar em que ela passa fome, frio, humilhações e violência por parte de algumas educadoras, pois era uma escola feminina e a sua amizade com a resignada Helen Burns, que depois de um inverno rigoroso adocece gravemente e vem a falecer marcando profundamente a vida de Jane. Tal amizade muda a personalidade insatisfeita da personagem e faz com que a menina aceite melhor as regras impostas pelo cruel Sr. Brocklehurst, e seus discursos hipócritas (BRONTË, 1847).

Jane nunca chega a ser tão resignada como a amiga, mas essa convivência delinea melhor suas crenças e seu caráter. A personagem é baseada em Maria Brontë, a irmã da autora que morreu aos 12 anos. O romance toma mais corpo quando Jane parte para trabalhar como governanta em Thornfield, a mansão do misterioso Sr. Rochester. Lá, ela educa Adele, a filha adotiva do patrão, uma garota francesa. A princípio a protagonista encanta-se com a mansão, mas assusta-se quando ouve risadas misteriosas e sombrias à noite (BRNTË,1847).

Com o passar do tempo, ela começa a conhecer seu empregador e se impressiona, mas não pela beleza – inexistente, como aponta Rochester com o seu tato costumeiro – mas por seus pensamentos, seu humor afiado e seu caráter firme e nobre, mesmo que inocente. O romance dos dois é construído com calma – o livro é longo e mostra o crescimento de Jane no decorrer do tempo.

Ao longo do livro, diversos personagens masculinos, “incluindo Rochester” tentam de alguma forma dominar Jane Eyre, mas ela sempre consegue se desvencilhar, sempre tem uma resposta, não permite ser domada, se diz livre e se faz livre. A obra de Brontë não se resume à projeção da mulher como o anjo ou como o monstro do lar, mas mostra os obstáculos, o sofrimento e a opressão das mulheres de sua época, e se propõe apresentá-las como poderiam ser inseridas no meio social e econômico. Em Jane Eyre, Charlotte mostra a vida e as condições femininas sob um olhar diferente, revelando críticas sobre o tipo de vida em que a esposa ideal tinha que suportar para sustentar a ideia de perfeição advinda do ser angelical (BRONTË,1847).

2.2 JÚLIA LOPES DE ALMEIDA E A INTRUSA: A NECESSIDADE DE EDUCAÇÃO E CULTURA ALÉM DOS AFAZERES DOMÉSTICOS

Júlia Valentina da Silveira Lopes, filha do médico Valentim José da Silveira Lopes e de Adelina Pereira Lopes, nasceu em 24 de setembro de 1862 no Rio de Janeiro onde viveu até aos sete anos de idade quando se mudou para Campinas interior de São Paulo, no qual começou sua trajetória pelas letras.

Foi escritora, cronista, teatróloga, feminista e abolicionista. Seria a patrona número três da Academia Brasileira de Letras, o que não ocorreu, unicamente por ser mulher, pois não era bem visto uma mulher que criasse qualquer outra coisa que não fosse bordados e costuras, escrita, somente entre quatro paredes escondidas em suas secretárias (nome dado às atuais escrivainhas). (AUTOR, ano)

Júlia aprendeu a ler com mãe e teve ajuda da irmã Adelina, que era doze anos mais velha para educar-se. Desde cedo mostrou grande apreço pela escrita, praticava-a escondida em seu quarto. Ela faz essa confissão em uma entrevista dada ao jornal O Momento Literário a João do Rio (ano, p.):

Vou mostrá-los ao papá! — Não mostres! — É que mostro!
 — Vai fazê-lo zangar comigo. Não sejas má! Ela ria, parecendo refletir.
 Depois deitou a correr pelo corredor. Segui-a comovidíssima.
 Na sala, o papá lia gravemente o Jornal do Comércio.
 — Papá, a Júlia faz versos! — Não senhor, não lhe acredites nas falsidades!
 — Pois se eu os tenho aqui. Olha, toma, lê tu mesmo...

Certa vez, quando escrevia um texto, muito entretida, não percebeu que sua irmã havia adentrado o quarto e posicionava-se atrás dela, quando Júlia percebeu colocou a mão em cima dos escritos e mesmo assim Adelina puxou e entregou ao pai que para surpresa da menina ficou impressionado com os escritos, ela tinha muito medo de ser descoberta; mulheres que escreviam não eram bem vistas pela sociedade burguesa da época. Seu pai convidou-a para ir ao teatro e ao perceber a empolgação da filha e quando foi convidado a escrever a crítica da peça (além de médico Valentim também era um literato) disse que estava assoberbado com o trabalho e passou para a filha a incumbência de escrevê-la. Mesmo receosa, a garota de 19 anos aceitou o desafio e assim aconteceu seu primeiro artigo para A

Gazeta de Campinas, o ano era 1881 e o assunto era Gemma Cuniberti, atriz italiana que fazia teatro infantil no Brasil (RIO,1994).

Daí em diante Júlia não parou mais, seu pai investiu em mais livros para que a filha pudesse escrever cada vez melhor:

Tive duas criaturas que a fizeram, — meu pai e meu marido. Em solteira, meu pai dava-me livros portugueses, — o Camilo, o Júlio Diniz, Garrett, Herculano. Já publicara livros quando casei, e só depois de casada é que li, por conselho de meu marido, os modernos daquele tempo — Zola, Flaubert, Maupassant (ALMEIDA, ano, p.).

Em 1885, aos vinte e três anos. Júlia passou uma temporada com a família no Rio de Janeiro e conhece Olavo Bilac que a convida para escrever no periódico A Semana, idealizado por seu pai e por Filinto de Almeida. Em 1886, vai para Portugal e lá junto com sua irmã escreve *Contos infantis* que é lançado no ano seguinte, este livro contém textos em prosa e em versos e durante alguns anos foi usado na educação infantil brasileira. No mesmo ano, casa-se com Filinto de Almeida, escreve o primeiro dos dez romances “*Traços de Iluminuras*”, e dedica-o ao marido e ao pai. Teve seis filhos, dos quais os dois primeiros vieram a falecer ainda pequeninos. Durante a década de 1890, Júlia escreveu para jornais e periódicos tais como a *Semana Ilustrada*, para a revista *Brasil Portugal*, *A Mensageira* revista dedicada às mulheres, o *Jornal das Senhoras*. Da imprensa, passou para os romances, como *A família Medeiros*, livro que discorre sobre os costumes paulistanos da época, *Correio da roça*, narrativa epistolar, e contos como *Reflexões de um marido* no qual ela questiona a condição feminina. Foi pioneira na literatura infantil com o livro *Contos infantis* e outras duas publicações *Histórias de nossa terra* e *Era uma vez*, em um tempo que só se faziam traduções. Infelizmente pouco se fala em suas publicações nesta área. Ela também escreveu dez romances dentre eles “A intrusa”, novelas e contos, críticas de teatro entre outros escritos. Foi cogitada para a Academia Brasileira de Letras, seria dona da cadeira número três, o que não ocorreu, pelo fato de ser mulher, quem assumiu foi seu marido Filinto de Almeida “o patrono consorte”, e mesmo assim ela foi em frente e não desistiu. Somente em 1977 a ABL teve a uma mulher a ocupar uma cadeira; Rachel de Queiroz. (SHUMAHAR, 2000.)

Em 1905 escreveu *A Intrusa* em forma de capítulos. Embora o livro tenha sido publicado no início do século XX, ele foi escrito ainda conforme os ideais do

século anterior, no qual a mulher ainda é vista como ser frágil incapaz de pensar e agir por si:

Oxalá vejamos um testemunho valioso da exuberancia mental das filhas de Eva, que grosseria masculina tem querido até hoje à mera condição de corpos sem alma embora tenha sido sempre seu coração o incomparável o secreto manancial dos mais nobres cometimentos do homem. (ALMEIDA, 1897, p.).

Faleceu em 31 de maio de 1934 devido a problemas renais. Em sua homenagem a Academia Brasileira de Letras realizou uma sessão solene, pois ela foi a mulher de maior prestígio cultural da época.

2.3. A INTRUSA

Um romance curto, porém, com uma construção que denuncia a condição de vida da mulher no século XIX. Os protagonistas são Alice e Argemiro. O assunto gira em torno da contratação de uma governanta, porque Argemiro que é viúvo, quer trazer sua filha Maria que até então estava vivendo com os avós maternos, numa chácara afastada. Para ele “uma casa sem mulher é um túmulo de janelas, toda a vida está lá fora”, além de querer a filha por perto também sente falta dos cuidados femininos na casa. Ele é vítima dos desmazelos do ex-escravo Feliciano, mandado por sua sogra a Baronesa. Alice é a candidata que se apresenta aceitando as regras da casa, cuidar de tudo sem se encontrar com o patrão. Viúvo, porém ainda se mantém fiel e falsamente apaixonado pela mulher falecida (ALMEIDA, 1994).

Embora tudo seja observado e as más línguas, como é costume da época, não se calem, ele fica deslumbrado com a competência dos serviços prestados por Alice, Argemiro termina se apaixonando pela moça acaba pedindo-a em casamento.

O desfecho é feliz, mas até aí a autora faz várias denúncias, tais como a decadência da aristocracia referindo-se as características físicas da Sogra (“as carnes descaídas do pescoço”), dá a medida do declínio de uma classe e de seu desespero diante da perda do poder, pois ela o perde para Alice. A forma como algumas mulheres buscam ascensão social através de Pedrosa que quer Argemiro para marido da filha, descrevendo as artimanhas da personagem para que isso aconteça, e as articulações sórdidas para que o marido tenha uma carreira política

(ALMEIDA,1994). Pedrosa odeia sua condição feminina de não poder entrar para política, pois ela é uma mulher.

Alice educa muito bem Maria, para desespero da Baronesa. Neste contexto a autora mostra a importância da educação da mulher, pois a governanta ensina música, poesia, francês, bons modos, à menina que ao chegar às mãos da moça era extremamente mal educada e não sabia ler.

Uma mãe instruída, disciplinada, conhecedora de seus deveres, marcará, funda e indestrutivelmente, no espírito de seu filho, o sentimento da ordem, do estudo e do trabalho, de que tanto carecemos. Parece-me que esses são os elementos e de paz para as nações. (ALMEIDA, 1897, p.)

Há outros personagens na história, o casal que moram com Alice no Brasil, os quais ela tem muito respeito, mas que a tratam muito mal e duvidam do seu caráter e seu trabalho, pois não era de costume uma moça trabalhar, este é um ponto importante tratado por Júlia, evidenciando como as mulheres que trabalhavam eram estigmatizadas. Outra personagem é a filha de Pedrosa que mesmo com as armações da mãe para que ela se case com Argemiro não cede e rende-se ao amor por outro rapaz. Com exceção do padre Assunção, amigo de Argemiro e mediador entre Alice e ele os personagens masculinos não tem grande relevância na trama que foca com maestria em como era a vida das mulheres e que elas eram capazes de vencer obstáculos e viverem sem que necessariamente um homem as sustentassem. Portanto, como outras mulheres de sua geração, Júlia respondeu com criatividade à resistência que encontrou no exercício do jornalismo e na literatura, escrevendo sempre mais sobre assuntos voltados para o público feminino.

2.4. JANE EYRE E ALICE: A INTERTEXTUALIDADE DENTRO DA NARRATIVA DO ROMANCE

Para Bakhtin, o romance é o único gênero em formação, inacabado, e isto deve-se ao fato de que ele foi o último gênero a ser criado; e somente a partir de meados do século XIX que passou a ser estudado com mais rigor: “Dentre os grandes gêneros, só o romance é mais jovem do que a escrita e o livro, e só ele está organicamente adaptado às novas formas de percepção silenciosa, ou seja, à leitura” (BAKHTIN, 2019, p. 66).

Sendo considerado pelo pensador não um gênero poético fechado e sim um complexo sistema de representação de linguagens sociais vivas e polarizadas. Portanto este gênero oportunizou às mulheres que ousaram escrever a questionarem o poder que os homens exerciam sobre elas, contarem suas próprias histórias e buscar aceitação do público. Tudo isso em um cenário dominado por um sistema patriarcal no qual elas passavam dos braços do pai para os mandos e desmandos dos maridos e, muitas vezes sem serem ao menos consultadas. Segundo Virgínia Woolf, em sua obra *Mulheres e ficção* ela defende que a história da Inglaterra é de linhagem masculina:

A história da Inglaterra é de linhagem masculina, não da feminina. De nossos pais sempre sabemos alguma coisa, um fato, uma distinção. Eles foram soldados ou foram marinheiros; ocuparam tal cargo ou fizeram tal lei. De nossas mães, nossas avós, de nossas bisavós, o que resta? Nada além de uma tradição. Uma era linda; outra era ruiva; uma terceira foi beijada pela rainha. Nada sabemos sobre elas, a não ser seus nomes, as datas de seus casamentos e o número de filhos que tiveram (WOOLF, 2019, p.).

Isso acontecia porque durante muito tempo as mulheres ao se casar perdiam o sobrenome da própria família e passavam a pertencer à família do marido, dedicando-se exclusivamente as atividades da casa e filhos (infelizmente isso ainda acontece em algumas culturas mais fechadas) , e claro às leis da época que nada as favoreciam, elas tinham que calar. Virgínia Woolf relata que do século XVI até o final do século XVIII houve uma espécie de apagão na escrita feminina e que no século XIX veio com grande força e grandes nomes tais como Mary Shelley com *Frankenstein* o prometeu moderno no começo do século (com muita dificuldade); as irmãs Brontë entre outros nomes, elas (as mulheres) começaram a falar, contar sobre seus universos, o que as incomodavam e o que desejavam.

Por quê o gênero romance foi escolhido pelas mulheres do século XIX? Virgínia Woolf defende que mulheres escreviam romances por causa de diversos fatores: “é bem provável que ela tivesse pouco tempo para escrever, e ainda menos incentivo. Em nossa era psicanalítica, estamos começando a nos dar conta do imenso efeito do ambiente e da sugestão sobre a mente” (WOOLF, 2019, p. 11).

Se verificarmos, entretanto, a natureza dialógica da linguagem das histórias, observaremos que o discurso é aberto e intersubjetivo, pois sua essência é plural e histórica, contendo vários significados e leituras. Essa atitude aberta para a dialogicidade da linguagem e para a heteroglossia, ou seja, a percepção da

existência de vozes sociais que entram em conflito no interior dos enunciado, e tem sido a linha estruturante, segundo Bakhtin.

Charlotte Brontë e Júlia Lopes de Almeida denunciam a condição feminina durante o século XIX, pois tanto Jane Eyre como Alice são personagens que são protagonistas na ficção e de suas vidas e enfrentam o preconceito da sociedade da época por assim o fazerem. Segundo Ponzio, a todos e aos muitos ecos do passado se juntam também aqueles que sequer ainda produzidos:

Todo texto escrito ou oral, está conectado dialogicamente com outros textos. Está pensando em consideração aos outros possíveis textos que este pode proporcionar, antecipa possíveis respostas, objeções, e se orienta em direção a textos anteriormente produzidos aos que aludem, replicam, refutam ou buscam apoio, aos que congregam, analisam, etc (PONZIO, 2008, p. 8).

Duas pessoas que nunca se viram nem conversaram e constituem um mesmo ponto de vista sobre um mesmo assunto, sob este aspecto podemos encontrar diversas similaridades entre as duas escritoras, um texto conversa com o outro texto, dá-se então intertextualidade dentro do gênero romance por constarem uma mesma ideologia: “Os gêneros têm um significado particularmente importante. Ao longo de séculos de sua vida, os gêneros (da literatura e do discurso) acumulam formas de visão e assimilação de determinados aspectos do mundo”. (BAKHTIN, 2017, p.16).

Ambas as autoras buscaram o gênero do romance para relatar suas histórias e suas denúncias. Júlia, nasceu menos de uma década depois que Charlotte faleceu, uma morava no Brasil e a outra morou na Inglaterra, separadas por um oceano, pelo tempo e, mesmo com estes abismos defendiam os mesmos valores.

As duas personagens são uma preceptora outra governanta (profissões exclusivas para mulheres no período), ambas muito jovens, sem família e buscam seu lugar numa sociedade preconceituosa através do trabalho, que o conseguiram porquê foram bem educadas e não por serem belas ou com sobrenome tradicional.

Jane Eyre foi uma menina triste arredia, e que no desenrolar do enredo se mostra uma moça de caráter firme e para manter a honra é capaz de sobrepor seus próprios sentimentos e conta a própria história:

Agora não deveria pensar em nada, não deveria olhar uma vez sequer para trás: e nem para frente. Não deveria pensar nem no passado e nem no futuro. O primeiro era uma página tão docemente celestial – tão mortalmente triste – que ler uma linha dela dissolveria minha coragem e

arrefeceria minhas forças. O segundo era m terrível vazio: algo como o mundo depois do fim do dilúvio (BRONTË, 1847, p. 442).

Neste trecho podemos perceber como a personagem sofre ao abandonar uma parte de sua vida em que foi feliz, para manter a sua moralidade. Outro trecho que mostra também a convicção da personagem é o trecho em que ela diz não a um casamento sem amor:

Mas como sua esposa, sempre ao seu lado, sempre reprimida, e sempre controlada, forçada a manter o fogo da minha natureza sempre branda, a obriga-lo a queimar internamente sem jamais emitir um grito, embora a chama aprisionada consumisse víscera após víscera – isso seria insuportável (BRONTË, 1847, p. 560).

Além da convicção de caráter da personagem vê-se que a autora denuncia a condição da mulher em relação aos casamentos arranjados da época, no qual a mulher perdia qualquer domínio sobre si ficando completamente subjugada às vontades do marido.

Alice, a protagonista de Júlia Lopes não conta a própria história, porém o narrador também deixa em evidência desde o início da narrativa a intertextualidade na construção de personagem pois as duas são sozinhas e também é desprovida de beleza tal qual a personagem de Charlotte:

O advogado levantou os olhos e viu entrar na sala uma figura meio encolhida, que lhe pareceu ter um ombro mais alto que o outro e cujas feições não viu, porque vinham cobertas com um véu bordado e ficavam contra a claridade (ALMEIDA, 1994, p. 13).

Pode-se perceber como as duas personagens são destituídas de dotes físicos, enfatizando-se apenas o mérito pelo trabalho, ações e caráter.

Porém, ao contrário de Jane, Alice se fez presente pelos seus atos, mais que por suas falas e pensamentos pois enquanto Jane passeava e tinha longas conversas com Sr. Rochester o qual se admirava pela forma de pensamento da moça e de sua religiosidade também. Já Alice era obrigada a se fazer invisível, podia aparecer apenas quando Argemiro não estava em casa. E mesmo assim, se fazia mais que presente, ele ficava muito contente e feliz no trato com as despesas, com o jardim, com educação da filha e com as despesas e a organização da casa: “A verdade, que ele sentia, que o penetrava por todos os poros, era que sua casa

nunca lhe soubera tão bem. Havia um conforto novo, um aroma de malva ou de pomar florido, melhor luz, melhor ar” (ALMEIDA,1994, p. 61).

Júlia Lopes primava que uma mulher melhor educada poderia dirigir melhor uma casa, pois o casamento era inevitável:

O caso de Júlia Lopes de Almeida inclui-se no que Elaine Showalter chama de época de feminine, pois, sua obra faz, como a de outras escritoras da época, a apologia das rainhas do lar. O universo ficcional por ela apresentado está repleto de mulheres que se redimem através do trabalho, mas do trabalho doméstico que não ultrapassa o jardim (XAVIER,1994, p.).

Alice aparece com as atividades do lar, ou com a menina, no decorrer da história descobre-se que ela foi bem educada por isto consegue obter sucesso na alfabetização de Maria:

Ontem por exemplo entrei em casa uma hora antes do costume; atravessava o jardim, quando senti acordes de piano; mas acordes bem harmônicos, vibrados por dedos disciplinados, conscientes. Ouvindo-me tocar a campainha; ela fugiu da sala [...] Logo esta mulher é uma mulher educada, desenha, aí está esse lírio, que o prova; sabe música e escreve com firme caligrafia (ALMEIDA, 1994, p. 62).

Já a personagem Jane Eyre de Charlotte Brontë cuidava única e exclusivamente da educação da criança e quando não estava a ministrar aulas podia dar-se ao luxo de caminhar e muito refletir: “Censure-me quem quiser se acrescento que, uma vez ou outra, quando fazia um passeio solitário pela propriedade, quando descia até os portões e através deles ficava olhando a estrada” (BRONTË, 1847, p. 154).

É sabido que são muitas as passagens retiradas de ambos os textos, mas só assim pôde-se apresentar a intertextualidade existente nos escritos. Não só em relação ao enredo, mas também na defesa e nas denúncias sobre a condição feminina no século XIX, um período brilhante e ao mesmo tempo tão difícil para as mulheres da época. Além de encontrarmos traços do dialogismo bakhtiniano é visto também ideias de Antônio Cândido, sociólogo e crítico literário brasileiro defensor do direito a literatura como necessidade básica do ser humano. E vê-se, tanto na escrita de Charlotte Brontë como na escrita de Júlia Lopes de Almeida, a defesa incansável deste direito tão necessário ao ser humano. Sobre as críticas sociológicas, Cândido diz:

Um segundo tipo (crítica) poderia ser formado pelos estudos que procuram ser formados pelos estudos que procuram verificar a medida em que as obras espelham ou representam a sociedade, descrevendo os seus vários aspectos (CÂNDIDO, 2000, p 11).

É exatamente o que este trabalho procura estabelecer, uma relação entre a trajetória de escrita e de vida das duas mulheres, na qual cada uma a sua maneira busca apresentar, denunciar, opinar, relatar toda uma sociedade e uma época, buscando através da literatura seus direitos. O estudo aqui presente busca apresentar que o século XIX foi um tempo de grandes mulheres e que entre elas têm uma brasileira que, mesmo não muito citada possui um trabalho rico e questionador, e que a inglesa Charlotte não teve mais sucesso devido à morte prematura assim como suas irmãs também escritoras de sucesso com mortes prematuras.

Antônio Cândido em um de seus ensaios diz que criação literária traz como condição necessária uma carga de liberdade que a torna independente sob muitos aspectos, de tal maneira que a explicação dos seus produtos é encontrada, sobretudo neles mesmos. Como conjunto de obras de arte, a literatura se caracteriza por essa liberdade extraordinária que transcende as nossas servidões. Mas, na medida em que é um sistema de produtos que são também instrumentos de comunicação entre os homens, possui tantas ligações com a vida social, que vale a pena estudar a correspondência e a interação entre ambas (CÂNDIDO, 1987). Charlotte, usou a literatura para ser livre, mesmo que isto não acontecesse na vida real. Usou esta arte para mostrar e denunciar o quão a sociedade vitoriana exigia do sexo feminino, como podemos perceber no seguinte trecho:

Supõe-se que as mulheres sejam geralmente muito calmas: mas as mulheres sentem exatamente como os homens; elas precisam de exercícios para as suas faculdades e de um campo para seus esforços tanto quanto seus irmãos; elas sofrem com uma restrição demasiado absoluta (BRONTË, 1847, p. 155)

Nestas frases vemos o discurso em defesa tanto no campo dos estudos como no campo de trabalho, de suas necessidades e como as mulheres eram subjugadas. Não pode-se deixar de dizer o quanto as irmãs Brontë foram importantes para a literatura mundial e seus escritos foram usados como base para muitos escritores, para o cinema e para o teatro, seus livros viraram filmes com muitas versões diferentes, fazendo-se vivas. Ainda nos dias de hoje muitos leitores se identificam

com a personagem Jane Eyre, suas motivações, suas frustrações, seus anseios e suas vontades, mesmo tendo passado tanto tempo.

Júlia Lopes de Almeida soube aproveitar todas as vantagens que a vida lhe ofereceu; um pai amoroso, uma família que apreciava arte em todos os sentidos, tendo nascido em uma família abastada financeiramente, pois seu pai era médico, ela fez-se valer deste privilégio e escreveu o quanto pôde, em favor da educação para as mulheres, reflexões sobre o casamento, a abolição e o direito ao voto feminino, porém sempre num discurso em que era inevitável que uma mulher trabalhasse sempre para o lar e para a família:

Alice trouxera a sua cestinha de trabalho e um livro de histórias (...) vendo que Maria se impacientava, propôs ensinar-lhe um ponto fácil de crochê (...). Alice tinha o condão de explicar tudo com tamanha simplicidade e clareza que a inteligência mais rebelde se esclarecia às suas palavras límpidas e teimosas (ALMEIDA, 1994, p. 45).

Similaridades e diferenças, nem um texto é igual, ele nunca é puro sempre provém de outros textos, neste caso de mesma ideologia, um longo e extenso, profundo. Outro mais simples, mas não menos denunciante. Charlotte relata a vida toda de uma garota sozinha num tempo hostil; na ficção ela denuncia toda uma sociedade e defende suas ideias de melhores condições de vida e tratamento às mulheres. Júlia, em um texto mais enxuto, relata a vida adulta de uma moça que se submete ao trabalho para se manter sendo boa parte desse tempo insultada e, assim, a autora com seus personagens também expõe uma sociedade decadente ao descrever características físicas e os ambientes da história, usando a ficção para dizer sutilmente que é tempo de mudar.

Vemos nestes dois livros, a intertextualidade, a defesa de direitos básicos que durante muito tempo foi negligenciado às mulheres e como fatores sociais podem interferir na escrita, mesmo quando quem pratica não se conhece, mas vivem em situações semelhantes.

2.5. METODOLOGIA

O método aplicado foi de pesquisa bibliográfica, sendo fundamentado em técnicas de análise dos livros *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë e *A Intrusa* de Júlia Lopes de Almeida.

Este processo teve como consequência o levantamento de questões sobre o universo feminino e a sua escrita no período do século XIX. Principalmente em relação à intertextualidade e a semelhança de algumas características das vidas das autoras em um tempo que aconteciam grandes avanços científicos, porém, a mulher ainda era inferiorizada em diversos setores da sociedade.

Os autores escolhidos foram Mikhail Bakhtin, por ser um grande estudioso do gênero romance e principalmente do dialogismo e Antonio Cândido, pelo fato de este autor ter diversos estudos e publicações a respeito de direito à literatura e por ser um renomado crítico literário.

Para Bakhtin, “as relações dialógicas são relações semânticas entre toda espécie de enunciados” (2015, p. 323) e esta relação está bem presente nos discursos de Charlotte e Júlia em vários momentos, pois as duas autoras defendiam que mulheres precisam trabalhar e ter vida própria além de casa, filhos e maridos.

Antonio Cândido em uma de suas entrevistas disse que “todo homem tem necessidade de efabular”, mas quando ele diz homem é no sentido de ser humano e não ao gênero, e esta linha de raciocínio se faz presente em ambas as escritas pois foi através da efabulação que estas duas mulheres se fizeram valer do seu direito à literatura e escreveram sobre seus anseios e vidas através das personagens Jane Eyre e Alice.

Com base nestas informações foi construída a pesquisa que buscou enfatizar e direito à literatura, às escritoras, principalmente a partir do século XIX, pois grande era a insatisfação com a vida que escritoras transmitiam em suas escritas. A consciência da sobreposição masculina e de limitações, fazia com que essas mulheres usassem suas escritas para expor tais situações. Foram elaborados breves resumos de vida e obras da autoras. Além dos livros, também foram consultados artigos científicos, e documentos antigos guardados no acervo digital da Biblioteca Nacional.

Depois de obter toda a informação necessária, realizadas as leituras, feitas as comparações, encontradas e discutidas as semelhanças concluiu-se que existem semelhanças nas escritas, pois os perfis psicológicos das protagonistas têm certa afinidade porque as duas querem e buscam ascensão através do trabalho, constatou-se que os conceitos sociais interferiram na escrita interferiram na escrita das autoras e encontrou-se a relação de dialogismo e intertextualidade nas obras.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a biografia dos autores é poder entender um pouco da sua escrita e o quanto da sua vida ele transfere para o seu trabalho e assim foi com as biografias das autoras escolhidas, principalmente com Charlotte Brontë, pois em diversos momentos pudemos perceber o quanto dela tem em sua personagem. Já com Júlia Lopes de Almeida, vemos o quanto poder se educar faz diferença na vida de uma mulher durante o século XIX e também nos dias de hoje, que é preciso continuar buscando autoras deste período pois têm-se muito a conhecer destas mulheres fabulosas que resistiram e não se deixaram levar pelas dificuldades e pelo preconceito da época que mesmo reservadamente se faz presente atualmente.

Observamos como se aplica a linha de raciocínio do dialogismo bakhtiniano dentro do gênero romance e como a perspectiva sociológica na visão do crítico literário Antônio Cândido, revela como fatores sociais interferem na escrita e no desenvolvimento dos textos e as personagens com perfis psicológicos diferentes podem almejar aos mesmos ideais.

Portanto, esta pesquisa ajuda a colocar no centro do debate, as questões de gênero no campo literário, em que, escritoras têm procurado na contemporaneidade explorar personagens femininas, com sentimentos tão profundos como Jane Eyre e suas respostas reflexivas e como Alice consegue se fazer perceber mesmo não podendo estar presente. Acredita-se que estas discussões sejam úteis no campo literário incitando a busca de textos engavetados, como diz a autora Virgínia Woolf, e por estas escritoras, que embora brilhantes, é fundamental frisar que a autora Júlia Lopes de Almeida foi esquecida e muito injustamente, pois sua obra não se resume ao gênero romance, pois ela tem ensaios, críticas, dois livros infantis dentre outras obras; foi uma das precursoras do feminismo no Brasil, indicada a ABL (não pôde assumir, mas teve a indicação) e mesmo não assumindo continuou escrevendo.

Se faz necessário assinalar que esta problemática não se esgota com este trabalho, pois não se pode deixar de citar o quanto é importante continuar as pesquisas sobre a intertextualidade relacionada às obras destas autoras, e se faz necessário frisar que a autora Júlia Lopes de Almeida foi esquecida e muito injustamente, pois sua obra não se resume ao gênero romance, porque ela tem ensaios, críticas dois livros infantis dentre outras obras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **A Intrusa**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

BAKTHIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKTHIN, Mikhail. **Teoria do romance III: O romance como gênero literário**. São Paulo: Editora 34, 2019.

BRAIT, Beth. **Bakhtin, Dialogismo e Polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.

BRONTË, Charlotte. **Vitorianas Macabras**. Organização de Marcia Heloísa. São Paulo: Darkside Books, 2020.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

SHUMAHAR, Schuma. BRAZIL, Érico Vital. **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

WOOLF, Virgínia. **Mulheres e Ficção**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

DLUGOSS, Fabíola. **Jane Eyre de Charlotte Brontë: empoderamento Feminino em traduções brasileiras**. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/11225/1/PB_COLET_2018_1_06.pdf. Acesso em: 10 de setembro de 2020.

RIO, João do. **O Momento Literário**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

XAVIER, Elódia. **Júlia Lopes de Almeida: o discurso do outro**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/viewFile/17171/15739>. Acesso em: 10 de setembro de 2020.